

A enxó é uma ferramenta nascida na pré-histórica, essencialmente dedicada ao desbaste.

Simples na conceção, contrapõe-se à linearidade do machado por cortar em modo paralelo ao corpo do artesão, prolongando-lhe o braço, a mão e a sensibilidade. O aspeto simples e rude desta ferramenta esconde uma eficácia de pormenor e doçura enormes, sobretudo porque depende da mão que a usa na execução e liberdade dos cortes, ao contrário, por exemplo, de um serrote ou plaina, direcio-

nados para a linha reta e a superfície plana.

O exemplar apresentado tem, acessoriamente, o gume curvo e descentrado, que indica ter sido preparado para o desbaste e acabamento em trabalhos de tanoaria. De facto, o vasilhame de madeira, baseado num sistema de réguas, disposto em redondo e encaixado num tampo ou fundo, desdobra-se numa série de curvas e côncavos suaves que não se compadecem com a dureza da linha reta.

Nos Açores, e desde os primórdios, a tanoaria teve

preponderância entre as artes, seja porque as barricas e barris foram, durante séculos, a única forma de contentorização disponível, seja porque muitas outras vasilhas de uso doméstico dependiam da mesma técnica, seja ainda pelas várias zonas de produção vinícola.

Os tanoeiros da ilha Terceira tinham, em finais do século XVII/inícios do XVIII, as suas marcas individualizantes, colocadas a fogo nas principais peças, que foram anotadas no livro de Tombo da Câmara de Angra.

